


Reflexão da Iniciação científica na pesquisa com crianças na educação infantil

Camila Alves dos Santosⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

Andrea Abreu Astigarragaⁱⁱ 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

Resumo

Este artigo objetiva apresentar, de forma descritiva-reflexiva, os momentos da pesquisa realizada com crianças em um Centro de Educação Infantil – CEI, no interior do estado do Ceará (CE), e o progresso das pesquisadoras de iniciação científica. Para isso, analisamos as fotografias e os vídeos da primeira fase dessa investigação, entre 2020 e 2021. Nesse sentido, Passeggi (2016), Costa e Astigarraga (2021), Bruner (1997), entre outros, compõem o embasamento teórico que fundamenta essas reflexões. Por fim, pôde-se chegar à conclusão de que as crianças têm muito a nos dizer e a inspiração lúdica de um boneco Alien-entrevistador, baseada em pesquisas de Passeggi; Lani-Bayle (*et al*, 2018), contribuiu muito para propor práticas pedagógicas e uma nova metodologia de pesquisa.

Palavras-chave: Crianças. Narrativas. Iniciação científica.

Reflection from scientific initiation in the research with children in early childhood education

Abstract

The present article aims to present in a descriptive reflective way the research moments conducted with children in a Child Education Center - CEC, in the countryside of the state of Ceará (CE), and the process as researchers in scientific initiation. For this, Passeggi (2016), Costa and Astigarraga (2021), among other authors compose the theoretical basis to support these reflections. We analyzed the photographs and videos recorded in the first phase of the research, in 2020 and 2021. The children have much to tell us and the ludic inspiration for an Alien-interviewer puppet, based on research by Passeggi; Lani-Bayle (*et al*, 2018), has contributed greatly to proposing a new research methodology and pedagogical practices.

Keywords: Children. Narratives. Scientific initiation.

1 Introdução

O princípio do percurso: embarcar em uma viagem a meio caminho do trajeto

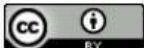


De início, é importante destacar que o processo da admissão de uma das autoras deste trabalho de pesquisa para bolsista de Iniciação Científica (IC) ocorreu por meio do projeto intitulado “Narrativas (auto)biográficas das crianças em espaços escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem”, iniciado em 2019. Após a conclusão de curso dessa pesquisadora em formação, foi necessária a substituição dessa pela outra autora deste artigo, mediante o convite feito pela coordenadora do projeto. Assim, apesar do convite repentino e de todos os trâmites burocráticos necessários para a garantia de uma viagem acadêmica segura, o embarque foi realizado com sucesso. Logo, a gratidão e a confiança pela oportunidade subsiste.

Assim, a partir dos vídeos, das transcrições, das fotos compartilhadas, das leituras realizadas e das análises aqui feitas, foi possível identificar aspectos que podem auxiliar nas práticas pedagógicas. Neste viés, ao se questionar *por que se pesquisa?* Passeggi (2016, p. 75) justifica “[...] a pesquisa como parte integrante da formação e não alheia a ela, pois a pesquisa é o que torna possível o processo de conscientização de formar-se com e pela pesquisa.”

Por esse motivo, a importância da IC para a formação acadêmica dá-se principalmente pelo incentivo à pesquisa, pois suscita um olhar de pesquisador, que faz compreender melhor como fazer e o que justifica o estudo científico, além das percepções que desperta sobre o projeto no qual participa. Pensando nisso, Pinho (2017, p. 662), baseando-se na normatização (RN-005/1993), cita alguns pontos sobre a importância das atividades de IC, entre eles: “[...] a aprendizagem de técnicas e métodos científicos, [...] o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade [...] despertar no bolsista uma nova mentalidade em relação à pesquisa e prepará-lo para a pós-graduação.”

Mediante a esta perspectiva, a coleta de dados desta pesquisa foi realizada entre novembro e dezembro de 2019, por meio de rodas de conversa conduzidas pelos pesquisadores que antecederam ao ingresso de uma das bolsistas na pesquisa. Assim, foram recolhidas narrativas de crianças do Infantil IV e V de um Centro de Educação



Infantil localizado em Sobral (CE), utilizando-se do protocolo do alienígena durante o processo.

Todavia, este início só foi possível graças aos acadêmicos/pesquisadores e à professora/orientadora, que foram a campo (CEI), antes do isolamento social necessário durante a pandemia da COVID-19, realizando entrevistas e coleta de dados, essenciais para a concretização do projeto. Dessa maneira, com os dados coletados, a bolsista anterior transcreveu os vídeos. Ademais, Bolsistas iniciantes participaram das reuniões de planejamento, em conjunto com outras bolsistas, e sob mediação da orientadora. Neste viés, foram realizadas as leituras recomendadas, foram revisadas as transcrições e foram analisados os vídeos gravados, referentes às narrativas das crianças do Infantil IV e Infantil V.

Portanto, o objetivo principal deste artigo foi apresentar, de forma descritiva-reflexiva, os momentos da pesquisa realizada com crianças em um Centro de Educação Infantil – CEI, no interior do estado do Ceará (CE) e o progresso das pesquisadoras de iniciação científica. Por fim, a metodologia da pesquisa foi qualitativa, com abordagem em narrativas de crianças.

2 Metodologia

Na coleta de dados, realizada entre novembro e dezembro de 2019, nas rodas de conversas com as crianças, os pesquisadores que antecederam o ingresso da nova bolsista na pesquisa utilizaram o protocolo do alienígena, “[...] inspirado no protocolo do projeto *‘Raconter l’école en cours de scolarisation’* [Falar sobre a escola durante a escolarização], coordenado por Martine Lani-Bayle” (PASSEGGI *et al.*, 2018, p. 54, grifos das autoras).

De acordo com as autoras citadas (Idem, p. 55), as rodas de conversas são “[...] estruturadas em torno de três momentos: abertura, desenvolvimento e fechamento.” Na abertura, o pesquisador apresenta às crianças o boneco Alien, explicando que ele vem



de um planeta onde não têm escolas e solicita que as crianças contem tudo o que sabem sobre esta instituição.

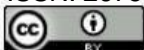
No desenvolvimento, o diálogo é mediado através de perguntas imanentes feitas pelo pesquisador. Assim, as crianças respondem, de forma espontânea, a essas perguntas. Por fim, o fechamento é o momento em que elas se despedem do Alien, pois este retornará ao seu planeta. Neste momento, pode-se fazer livremente uma mensagem ou um desenho para que o extraterrestre leve consigo. Nessa perspectiva, Passeggi (2018, p. 107) assinala:

A presença do alienígena no grupo responde ao desejo de provocar o distanciamento necessário entre a criança e as pesquisadoras, convocar o imaginário infantil, a ludicidade e a reflexão crítica da criança face a necessidade de negociações culturais com o Alien e a pesquisadora. A função de mediador da construção narrativa, desempenhada pelo Alien, [...] é a de ajudar a criança a lidar com eventuais conflitos e desenvolver meios de sedução e de persuasão para envolvê-lo naquilo que contam.

A autora supracitada esclarece a importância da utilização desse protocolo, não só pelo estímulo à imaginação criativa e ao aspecto lúdico-reflexivo, mas ao próprio movimento de se sentir *mais à vontade* com o boneco, o que, conseqüentemente, faz com que a criança se sinta livre para narrar espontaneamente sobre si e suas vivências em sala de aula. Isso se reflete nas próprias associações que elas fazem do boneco com personagens de animações que conhecem ou nas trocas afetivas no momento da despedida. Em outros termos, como denomina Passeggi (2018, p. 108), no “fechamento (retorno do Alien ao seu planeta)”.

Levando em consideração que essas narrativas são a principal ferramenta de fomento à realização da pesquisa, foi fundamental a compreensão da necessidade de apresentar um “olhar de pesquisador”; olhar este para além das observações corriqueiras, impregnadas de sentido, dado que todas as nuances presentes no processo de ensino-aprendizagem, com as contribuições e as especificidades que cada criança traz, são aspectos importantes para o desenvolvimento da referida pesquisa.

Contudo, é importante enfatizar que existe uma fase que antecede esse estudo, denominado de “inserção ao contexto da pesquisa”. É nessa introdução que os





pesquisadores se apresentam, conversam com aquelas crianças que vêm até eles – sem insistência e imposição sobre elas –, permitindo que estas se sintam livres para fazer e dizer o que pensam, além de ser o momento ideal para conhecer o espaço em que irá se efetuar a pesquisa.

5

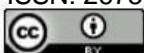
3 A importância da escuta de narrativas de crianças na educação infantil

Bruner (1997, p. 78 *apud* PASSEGGI, 2016, p. 72-73) afirma que “[...] as capacidades “mais poderosas” do humano, desde a infância, são a de “refletir” para avaliar o que a cultura lhe oferece e “projetar alternativas” para (sobre)viver nessa cultura e, eventualmente, transformá-la.” (grifos do autor). Logo, faz parte de um dos objetivos educacionais rompermos com práticas nocivas e culturalmente repassadas, buscando educar em um viés de respeito mútuo – ao outro e também aos espaços que lhe são de direito. Portanto, trabalhar a escuta sensível das crianças é uma iniciativa que colabora tanto para a efetivação desse valor, quanto para o processo de aprendizagem da criança e para que se sinta valorizada no contexto escolar.

A atuação do boneco alien funcionou como um objeto dinâmico na realização da entrevista e facilitou esse contato. Além do mais, durante a realização, observamos diferentes perspectivas das crianças acerca do boneco. A maioria mostrou-se animada com o brinquedo e, quando questionadas se gostavam de amiguinhos novos, afirmavam que sim. Também havia aquelas que faziam associações ao Alien do filme *Toy Story* e terminavam a entrevista abraçando o boneco.

3.1 Revelações do trajeto: o que observamos no limiar

Em uma das reuniões realizadas pelos primeiros autores/ pesquisadores, juntamente com outras bolsistas iniciantes e com intermediação da professora/ orientadora, foram apresentadas fotos, desde a primeira visita à escola, passando pela experiência de andar pela primeira vez de VLT, até as entrevistas. Através dessa





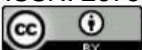
exposição, traçamos descrições imagéticas, trazendo percepções acerca do conteúdo observado.

Na primeira imagem exibida, a professora/ orientadora está sentada em uma das cadeirinhas pertencentes ao recinto, enquanto estabelece um contato (conversa) com uma criança *x que* presenteia a pesquisadora com um bombom, o que denota ânimo e receptividade para com a presença da visitante. Ao lado da professora/orientadora está a coordenadora da escola. Nota-se que ambas estão em posição horizontal com a criança, pois, *ao abaixar-se, colocam-se na mesma altura das crianças*, demonstrando compreensão sobre a importância desse gesto na construção de vínculos, já que transmite à criança interesse ao que ela tem a dizer (escuta sensível). Nesse viés, foi perceptível que até a forma como é estabelecido esse contato é significativo e pode trazer benefícios mútuos: confiança, valorização, respeito, entre outros; além de fazer com que as crianças não se sentissem inferiorizadas.

Assim, foi conversado que se estabeleceu acordos entre os pesquisadores e a gestão da escola para uma melhor organização na divisão dos dias e das turmas (colaboração da gestão escolar com a pesquisa). Para isso, fez-se um cronograma decidindo os melhores dias e horários para a realização da pesquisa.

Então, dividiram-se as turmas de vinte e oito (28) crianças em dois (2) grupos, ficando quatorze (14) alunos em cada. Esse processo facilitava o andamento das entrevistas/rodas de conversa, visto que, assim, as turmas não ficavam tão numerosas. Além disso, foi exigido também pela gestão que todas as crianças fizessem parte da pesquisa, atitude que foi apoiada pelos pesquisadores e pela orientadora. Então, a participação de todos foi o principal critério.

Nas imagens subsequentes, as crianças, juntamente com a professora da turma, estão sentadas ao chão, dispostas em círculo, o que já “quebra” a organização em fileiras, um atrás do outro, comumente utilizadas nas salas. Essa atitude causa aos presentes a sensação de união e de estar “em pé de igualdade”, o que contribui para uma aprendizagem pautada na cooperatividade, dentro de um ambiente agradável e interativo.





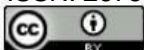
Isto posto, é importante ressaltar que o trajeto feito pelas crianças, da sala de aula até o ambiente de realização da entrevista, foi através de *fila indiana*, método de ordem ainda utilizado pelas professoras da instituição e que os pesquisadores mantiveram, visto que não podem determinar como a escola deve se comportar.

Na imagem sucessora, um aluno se aproxima da orientadora para continuar conversando, quando ela já está indo embora. Na reunião em que todas essas imagens foram apresentadas, a professora/orientadora relata que não entendia bem o que o aluno falava e perguntou à coordenadora o que ele tinha. Esta respondeu que acreditava ser autismo, mas que não tinha nenhum diagnóstico ainda. Contudo, esse aluno participou de uma dinâmica em que mostrou mais esperteza que os demais, apesar da dificuldade apresentada na fala.

A dinâmica lúdica desenvolvida ocorreu da seguinte forma: a professora da turma simulava que estava fritando um ovo numa frigideira (de papel) e nele continha alguma letra. Cada criança tinha que ir até ela, pegar o ovo e dizer qual a letra presente nele. Todos acertaram, com exceção do menino, mas ele foi o único que brincou, dizendo: “*Ai, tia! Tá queimando o ovo! Rápido, tia! Sacode o ovo que tá queimando!*”. Ele foi a única criança que *brincou* ao aprender (princípio da Educação Infantil). Nesse sentido, baseando-se em estudos e em uma pesquisa de Passeggi (2014), Lani-Bayle (2020, p. 23) cita:

[...] as crianças, em suas narrativas, se situam nessa tensão entre um modo de ser criança e um modo de se constituírem alunos pela injunção inerente à necessidade de estudar, de aprender, de acordo com projetos futuros criados pelo adulto para elas. Essa representação de si opõe-se à liberdade de ser elas mesmas e de fazer o que gostam, “experimentar o bem-estar”.

Além desse caso supracitado, quando indagada sobre o que mais gostava na escola, uma das crianças respondeu que não gostava da escola e na justificava dada pelos colegas – e não por ela – continha o substantivo pejorativo “ele é burro!”. Muitas outras relataram também que sofriam agressão por parte dos coleguinhas. Em alguns casos, quando a pergunta era direcionada a alguma das meninas, os meninos respondiam por elas (silenciando/ bloqueando as suas falas) ou as interrompiam. Ou





seja, percebemos que a prática sistemática de atos de agressões simbólicas e o machismo estrutural ainda se perpetuam nesses espaços e que, embora o foco da pesquisa não seja pautado nesses aspectos, são fatores que acabam se revelando.

Outrossim, “ficar calado, tirar nota boa e fazer avaliação” era o que tinha de bom em ser criança na escola, de acordo com a resposta de uma das crianças. Neste viés, enquadra-se aqui a crítica feita por Conceição, Silva e Costa, para a qual

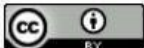
[...] cabe destacar que as avaliações padronizadas impõem às escolas um nível de preocupação, muitas vezes, ligado mais ao resultado final que será obtido – e que irá interferir no IDEB e em repasse de recursos financeiros –, do que com a aprendizagem dos estudantes em si. (CONCEIÇÃO; SILVA; COSTA, 2022, p. 7)

Portanto, percebe-se que cada vez mais a sujeição, o conteudismo e a codificação se sobressaem frente à dimensão lúdica que deveria existir nas infâncias, principalmente diante do cenário educacional atual que progressivamente caminha para um cenário tecnológico/digital, distante da ação do brincar, onde o alcance de metas é o fator que predomina nas ações pedagógicas. Verifica-se que os aspectos lúdicos, autônomos e críticos-reflexivos, de professores e alunos - que deveriam ser fortalecidos – se enfraquecem.

Percebe-se que a diversão e a aprendizagem presentes nas práticas lúdicas - nas brincadeiras e ações pedagógicas significativas, em doses homeopáticas, vão se dissipando e conseqüentemente afunilando os espaços e experiências concretas para a exploração e interação espontânea das crianças com o mundo ao seu redor. Nessa perspectiva, Costa e Astigarraga (2021, p. 15) tecem a seguinte crítica:

[...] a escola pode ser considerada como um espaço que não leva em consideração a cultura infantil das crianças, pois com a entrada delas na escola, um intenso trabalho se inicia, que objetiva habilitá-las, as tornando, dessa forma, aptas para os processos avaliativos internos e externos. É nesse momento que o sentido de se ter a infância como parte constituinte do processo de formação das crianças é prejudicado.

Na hora da despedida, os abraços no boneco Alien-entrevistador eram repletos de carinho e, assim, alguns abraços demoravam mais que outros. Observamos que, além do abraço proposto, uma das crianças chegou a distribuir beijinhos no brinquedo,





outro tipo de carinho que demonstra o quanto esse contato foi agradável. Não obstante a confecção do boneco tenha sido pensada justamente pela possibilidade de as crianças quererem tocá-lo, a ideia do abraço-despedida não foi algo planejado, a proposta surgiu no decorrer do processo.

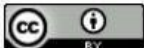
Uma das principais razões da pesquisa é mostrar que as crianças sabem pensar, ao seu modo. Por esse motivo, foi proposto que cada um fizesse um desenho para o extraterrestre levar para o planeta dele. Através desses desenhos, as crianças traçaram suas percepções individuais sobre *o que é escola* e *o que é ser criança* – questões basilares para o contexto da pesquisa. Algumas crianças desenharam o E.T.

4 Considerações finais

No que diz respeito às narrativas de crianças, é válido ressaltar a importância da escuta, através das falas que elas proferem e das percepções que elas têm. Isso é perceptível desde a utilização do boneco Alien, como uma ferramenta de aproximação com o imaginário da criança, buscando o aspecto lúdico – primordial dessa fase – até a forma como foram conduzidas as entrevistas e as próprias narrativas das crianças. Todos esses aspectos foram essenciais para uma investigação e análise mais efetiva.

Assim sendo, a criança tem muito a nos dizer, e esse muito está presente também nos seus silêncios, na sua imparcialidade e na sua conduta mais retraída. Basta atentar-se a isso e perceber o que seus silêncios revelam. Neste contexto, pode também o professor/ educador/ pesquisador fazer uma autorreflexão, trabalhando para o aprimoramento de suas práticas pedagógicas. Dessa maneira, parte-se deste olhar sensível para o dito e o não dito, para relatos que importam, desde os primeiros anos de vida, na educação infantil, até o momento em que a criança se percebe na descoberta do eu e do outro.

Por fim, a integração de uma bolsista iniciante e ingressante, praticamente no final da graduação, e de uma outra, criadora do projeto e pesquisadora ativa, desde o início da pesquisa, possibilitou a aproximação do processo em que o acadêmico passa





ao se inserir em um contexto de pesquisa com uma pesquisadora mais experiente. Dessa forma, foi propiciado o aprendizado que excede os aspectos técnicos, pois a criatividade e a criticidade são ainda mais impulsionadas. É isso que motiva.

Referências

10

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CONCEIÇÃO, José Luis Monteiro da; SILVA, Sirneto Vicente da; COSTA, Michel da. Avaliações externas: implicações para as práticas pedagógicas dos professores da educação básica. **Revista Cocar**, [s. l.], v. 16, n. 34, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4951>. Acesso em: 17 mar. 2022.

COSTA, A. M. DA.; ASTIGARRAGA, A. A. As narrativas sobre ser criança: do desencanto ao encantamento em trajetória de acadêmico a pesquisador. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-21, 2021.

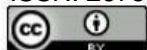
LANI-BAYLE, M. Quando as crianças falam de sua escola e (nos) ensinam.... **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 15, p. 954-969, 11 out. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* Desafios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica com crianças. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.*, (org.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal, RN: EDUFRRN, 2018. p. 45-72. ISBN 978-85-425-0842-0. 730 p.: PDF; 7,72 mb.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* L'enfance à l'école: scénarios et enjeux de la Recherche avec des enfants au Brésil. *In*: LANI-BAYLE, Martine et PASSEGGI, Maria da Conceição. **Raconter l' école: à l'écoute de vécus scolaires en Europe et au Brésil**. Paris: L'Harmattan, 2014. p. 33-47.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.*, (org.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal, RN: EDUFRRN, 2018. p. 103-121, 2018. ISBN 978-85-425-0842-0. 730 p.: PDF; 7,72 mb.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6195624>. Acesso em: 19 mar. 2022.





PINHO, Maria José de. Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 658-675, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000300005>. Acesso em: 9 set. 2022.

11

ⁱ **Camila Alves dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4439-5465>

Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas - GEPAS.
Contribuição de autoria: Escrita e análise do texto.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0092768657302229>
E-mail: camialvesantos@gmail.com

ⁱⁱ **Andrea Abreu Astigarraga**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Professora Associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Contribuição de autoria: Escrita do texto, organização e análise dos dados.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355941154537341>
E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Lia Ciomar Macedo de Faria

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Camila Alves dos; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Reflexão da Iniciação científica na pesquisa com crianças na educação infantil. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e46198, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.9168>

Recebido em 25 de setembro de 2022.

Aceito em 21 de novembro de 2022.

Publicado em 21 de novembro de 2022.

